



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

DARCYANNE DOS SANTOS ALFRÊDO

**SAGARANA: VIOLÊNCIA E RELIGIOSIDADE NA
CONSTRUÇÃO DE AUGUSTO MATRAGA**

João Pessoa
2023

DARCYANNE DOS SANTOS ALFRÊDO

**SAGARANA: VIOLÊNCIA E RELIGIOSIDADE NA
CONSTRUÇÃO DE AUGUSTO MATRAGA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal da Paraíba — UFPB, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Amanda Ramalho de Freitas Brito

João Pessoa
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A392s Alfrêdo, Darcyanne Dos Santos.

Sagarana: violência e religiosidade na construção de Augusto Matraga / Darcyanne Dos Santos. Alfrêdo. - João Pessoa, 2023.

27 f.

Orientador: Amanda Ramalho de Freitas Brito.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências humanas, Letras e artes, 2023.

1. Sagarana. 2. Augusto Matraga. 3. Violência. 4. Religiosidade. I. Brito, Amanda Ramalho de Freitas. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82.09

*Dedico este trabalho aos meus pais, irmão e à
minha tão amada filha Alice. Vocês são o meu
fôlego de coragem para desbravar um novo
mundo repleto de possibilidades. Minha base
e sustento até aqui.*

RESUMO

O presente trabalho analisa, sob uma perspectiva literária, a novela “A hora e vez de Augusto Matraga”, presente na obra *Sagarana*, de João Guimarães Rosa, explorando e investigando os elementos simbólicos que delineiam e delimitam seus personagens, sobretudo o protagonista Augusto Matraga. Temos como objetivo geral compreender a representação do sertão brasileiro através da dualidade entre o bem e o mal presente na obra e como os traços místicos – religiosos – tecem a trajetória da personagem principal rumo à redenção. As análises para esta pesquisa bibliográfica foram feitas através da leitura de *Sagarana* (Rosa, 2001) e firmadas sob os estudos de Rónai (2020), Sperber (1982), Ferri (2016), Galvão (1978), Cascudo (2011), Grudem (2009) e Eliade (1992); acerca do conceito de violência, recorreremos a Odália (1991), Oliveira e Martins (2014), Vasconcelos (2002) e Hobsbawn (2010). Ademais, usamos o suporte do Catecismo da Igreja Católica – C.I.C. (1993) e das cartas de Romanos, contidas no novo testamento da Bíblia (1980). Fundamentados no aporte teórico, constatou-se que a trajetória para a sublimação existencial do protagonista construiu-se através da fusão de elementos religiosos, sagrados e/ou profanos, que espelharam, em toda a narrativa, dicotomias e resistências, intrínsecas à condição humana.

Palavras-chave: Sagarana; Augusto Matraga; Violência; Religiosidade; Redenção.

ABSTRACT

This work analyzes from a literary perspective the novel “A hora e vez de Augusto Matraga”, present in the work Sagarana, by João Guimarães Rosa, exploring and investigating the symbolic elements that delineate and delimit its characters, especially the protagonist Augusto Matraga. Our general objective is to understand the representation of the Brazilian backlands through the duality between good and evil present in the work and how the mystical – religious traits weave the main character’s trajectory towards redemption. The analyzes for this bibliographical research were carried out by reading Sagarana (Rosa, 2001) based on the studies of Rónai (2020), Sperber (1982), Ferri (2016), Galvão (1978), Cascudo (2011), Grudem (2009) and Elíade (1992); regarding the concept of violence, we turned to Odália (1991), Oliveira and Martins (2014), Vasconcelos (2002) and Hobsbawn (2010). Furthermore, we use the support of the Catechism of the Catholic Church (1993) and the letters of Romans, contained in the New Testament of the Bible (1980). Based on the theoretical contribution, it was found that the trajectory towards the existential sublimation of the protagonist was built through the fusion of religious, sacred and/or profane elements, which mirrored, throughout the narrative, dichotomies and resistances, intrinsic to the human condition.

Keywords: Sagarana; Augusto Matraga; Violence; Religiosity; Redemption.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	SAGARANA, ROSA E MATRAGA	9
2.1	AUGUSTO, O PECADOR.....	11
2.2	A QUEDA	13
3	ATOS DE UM CORAÇÃO CONTRITO EM MEIO ÀS ORIGENS VIOLENTAS.....	14
3.1	ESTEVES AGORA É MATRAGA.....	16
3.2	A TODO SANTO: AS TENTAÇÕES	17
3.3	O SAGRADO E O PROFANO	24
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

“... a gente morre é para provar que viveu.”

J.G. Rosa, 1967.

(João Guimarães Rosa/ ABL, 1963)

Contista, romancista, romancista e diplomata, João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, município de Minas Gerais, em 27 de junho de 1908, e faleceu no Rio de Janeiro, em 19 de novembro de 1967, três dias após sua posse na Academia Brasileira de Letras, como terceiro ocupante da Cadeira 2.

Filho de Florduardo Pinto Rosa e Francisca Guimarães Rosa, Guimarães formou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, em 1930, e tornou-se capitão médico, por concurso, da Força Pública do Estado de Minas Gerais. Foi exercendo a profissão de médico, no município de Itaúna – MG, que teve seu encontro primo com a realidade dos componentes da esfera sertaneja. Deslocando-se a cavalo até seus pacientes, Rosa internaliza o cotidiano e toma nota de causos e vocabulários que posteriormente seriam referência e diretriz de sua obra. Além de oficial médico do 9º Batalhão de Infantaria, Rosa também ingressou na carreira diplomática, sendo aprovado, em concurso, para o Itamaraty no ano de 1934.

Médico ou diplomata, a verdade é que Rosa não deixou de lado sua intimidade com o mundo das letras. Seu contato com outros idiomas foi dado desde muito cedo, começando pelo francês quando ainda nem completara seus 6 anos. Aos 10, em Belo Horizonte, frequenta a mesma escola de Carlos Drummond de Andrade, seu futuro amigo, autor do poema “Um chamado João”, poema em homenagem a Guimarães, publicado após sua morte. Um dos leitores e crítico das obras de Guimarães, Paulo Rónai, o considera um “renovador da literatura de seu país” (2020,p.244) e acrescenta:

O autor não apenas conhece todas as riquezas do vocabulário, não apenas coleciona palavras, mas se delicia com elas numa alegria quase sensual, fundindo num conjunto de saber inédito arcaísmos, expressões regionais, termos de gíria e linguagem literária (RÓNAI,2020,p.46)

A estréia de Guimarães no mundo literário se deu em 1929, com a apresentação de quatro contos: *Caçador de camurças*, *Chronos Kai Anagke* (*Tempo e Destino*, em grego), *O mistério de Highmore Hall* e *Makiné* para um concurso promovido pela revista *O Cruzeiro*.

Todos foram contemplados para publicação e remuneração entre os anos de 1929 e 1930. Em 1936, recebeu o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras com a coleção de poemas *Magma*. Em 1938, concorreu ao prêmio Humberto de Campos, com a obra intitulada *Contos*, que após uma reavaliação e reformulação do autor, em um período de quase uma década, se transformaria em *Sagarana*, primeiro livro publicado, aos 38 anos de idade, obra a qual pertence a novela *A hora e vez de Augusto Matraga*, objeto de análise do presente trabalho.

Em meio à terceira geração modernista brasileira, ou pós-modernista, em 1946, Guimarães narra em *Sagarana* a atmosfera que habitara em sua mocidade, qual seja, a beleza sertaneja de Minas Gerais. A linguagem original e criativa do povo sertanejo é transmitida pelo autor em todas as nove narrativas da obra, patenteando uma espécie de regionalismo nunca antes grafado na literatura brasileira. Acerca de tal originalidade, relata Paulo Rónai:

A predileção do autor por fórmulas populares de uso geral não o impede de se deleitar com insólitas locuções individuais nem de inventar outras que, golpeando em cheio o leitor, lhe possam inculcar uma percepção nova. (Rónai, 2020, p.134)

Rotularemos então o João Guimarães Rosa deste livro de regionalista? Alguns críticos o fizeram, procurando filia-lo a predecessores como Afonso Arinos, Hugo de Carvalho Ramos, José Américo de Almeida. Mas os mais perspicazes hesitaram, porque, não obstante a exuberância da paisagem, cada uma das peças se constituía num ou em vários dramas psicológicos” (Rónai. 2020, p.29).

Sagarana é uma obra de integração entre as recordações do autor acerca de um universo bucólico e referências universais. Rosa propaga, à primeira vista, uma obra regionalista “cujo conteúdo universal e humano prende o leitor desde o primeiro momento” (Rónai, 2020, p.41). Tais conteúdos validam a erupção de sua literatura da esfera delimitada pelo regionalismo e a caracterizam como universal:

Os produtos da literatura regional conseguem sair de um âmbito circunscrito somente quando a universalidade de sua psicologia lhes infunde validade geral [...] o ódio, o amor, o arrependimento das personagens de *Sagarana*, seus planos baldados pela fatalidade, tocam a sensibilidade dos nacionais que qualquer país. (Rónai, 2020, p.218)

A escolha da obra "A Hora e Vez de Augusto Matraga", de Guimarães Rosa, se deve à sua relevância na literatura brasileira e à riqueza de elementos simbólicos presentes na narrativa. O conto aborda temas como violência, redenção, dualidade entre o bem e o mal, e possui uma estrutura narrativa que se destaca pela caracterização dos personagens e pelo uso de linguagem regionalista.

Com relação aos estudos já realizados a respeito de "Sagarana", mais especificamente acerca do personagem Augusto Matraga, existem pesquisas que analisam a transformação do protagonista ao longo da história, seus conflitos internos e a representação dos valores do sertão. Como exemplo, trazemos *Matraga: a sua marca*, estudo publicado em 1978 pela professora Walnice Nogueira Galvão, que explora a dualidade moral do personagem e sua jornada de redenção, assim como a presença de elementos simbólicos na narrativa.

Nessa conjuntura, este trabalho tem como objetivo geral analisar a novela "A Hora e Vez de Augusto Matraga" sob uma perspectiva literária, investigando os elementos simbólicos presentes na narrativa e a construção de seus personagens, sobretudo o personagem principal. Além disso, pretende-se explorar a representação do sertão e a dualidade entre o bem e o mal presentes na obra. Acerca da dualidade entre sagrado e profano, tomamos como uma das bases, a discussão do professor Mircea Eliade em seus livros *Tratado de história das religiões* e *O sagrado e o profano*.

Para realizar esta análise, optou-se pelo uso da pesquisa bibliográfica. Desse modo, como fundamentação teórica, serão explorados estudos críticos sobre a obra de Guimarães Rosa, especialmente aqueles que abordam "Sagarana" e "A Hora e Vez de Augusto Matraga", como as pesquisas de Débora Ferri em artigo intitulado *A manifesta ficcionalidade e a estrutura triádica em "A hora e a vez de Augusto Matraga"*. Também serão consideradas obras que tratam do regionalismo na literatura brasileira e da representação simbólica na narrativa, conforme estudos da pesquisadora Suzi Frankl Sperber em *Guimarães Rosa: signo e sentimento*, de 1982.

A estrutura deste trabalho configura-se a partir de três capítulos principais. No primeiro capítulo, será apresentada uma análise de "A Hora e Vez de Augusto Matraga", explorando sua estrutura narrativa, os elementos simbólicos e a representação dos personagens. No segundo capítulo, serão discutidos os aspectos do regionalismo na obra, relacionando-a com o contexto histórico e cultural do sertão brasileiro.

No terceiro capítulo, será feita uma análise da dualidade entre o bem e o mal, investigando como essa dicotomia é representada, em sua maioria, por meio de elementos religiosos e problematizada na narrativa a respeito do profano. Por fim, no capítulo de considerações finais, serão apresentadas as conclusões e reflexões obtidas a partir desta análise, destacando a relevância da obra de Guimarães Rosa e sua contribuição para a literatura brasileira.

2 SAGARANA, ROSA E MATRAGA

As leituras espirituais compõem uma parte relevante da obra de João Guimarães Rosa. Apesar da imensidão de memórias fabulosas guardadas em si, “aquelas que mais o atraíram e cujos reflexos aparecem mais claramente em sua obra são leituras espirituais de diferentes categorias” (Sperber, 1982, p.1). A partir dessas leituras, embasadas e agregadas aos seus conhecimentos acadêmicos elevados, o autor nos deixa uma herança que perpassa o tempo para nos mostrar a imortalidade de fisionomias populares comuns.

Acerca de tais leituras espirituais, em *Sagarana* é possível distinguir reflexos de textos esotéricos e do Evangelho. A admissão do cristianismo pelas personagens está bem representada na crença em uma divindade intercessora da redenção. Além de suas tramas revelarem funções moralistas exemplares, tais como as parábolas bíblicas, as estruturas de alguns de seus enredos seguem o mesmo esquema, como é possível observar, com clareza, em *A volta do marido pródigo* e em *O burrinho pedrês*. Este último, “[...] não só poderia chegar a ter seu enredo resumido a um ditado (“não devemos nadar contra a corrente”), como tem características estruturais de parábola” (Sperber, 1982, p.14). Os preceitos do esoterismo também ganham espaço em sua composição estrutural e temática, como o princípio do mentalismo e o de causa e efeito, leis universais. Além dessas características, as nove narrativas da obra inaugural de Rosa compartilham de semelhante linguagem, ambiente e até personagens que aparecem em mais de uma história.

Apesar dos aspectos em comum, é possível notar dessemelhanças nos silogismos e no modo narrativo das histórias. Claro exemplo é nítido ao pularmos do antropomorfismo exarado em *Conversa de bois* à sobriedade de *A hora e vez de Augusto Matraga*.

A hora e vez de Augusto Matraga é a última de uma sessão de nove narrativas que compõem, primorosamente, *Sagarana*. Narrando o sertão em terceira pessoa, tal novela vem carregada de reveses morais na mesma medida de seus impasses religiosos. Sua primeira leitura cinematográfica aconteceu em 1964 com o cineasta Roberto Santos e foi ganhadora do *Festival de Brasília* do Cinema Brasileiro, dois anos após sua produção. Sua tradução para outros idiomas constitui, para o autor, a primeira referência de sua obra em outros países e para o conto, uma posição de alta relevância dentre toda sua obra.

Augusto Esteves, nosso protagonista, é filho de coronel, dono de uma personalidade destemperada e perversa, que mandava e desmandava em todo o arraial do Murici. Casado com Dona Dionóra e pai de Mimita, a quem não dá a mínima importância, começa na narrativa já em depreciação econômica e política. Sua penitência começa quando é traído pelos seus

capangas e sua esposa decide fugir com outro homem, levando consigo a filha do casal. Ao ser quase assassinado em uma emboscada, armada pelo Major Consilva, Esteves se atira do alto de um barranco como última tentativa de salvar a própria vida. Foi resgatado por um casal de benzedeiros que cuidou dele em sua nova vida no povoado do Tombador. Junto ao casal, Nhô Augusto teve muito tempo para refletir sobre os erros da vida que levava até agora. A visita de um padre foi o ponto crucial para sua jornada rumo à salvação da alma. Anos passados e totalmente recuperado, Augusto Esteves, agora Augusto Matraga, segue sua vida em penitência, em um povoado chamado Rala-Coco, onde encontra sua possível redenção em um duelo mortal com Joãozinho Bem-Bem, uma espécie de valentão pistoleiro do lugar.

A mudança de seu nome em muito se relaciona com o atual lugar ocupado pelo protagonista. Conforme o professor Carlos Eduardo de Queiroz, em artigo intitulado *A hora e a vez, no conto a hora e a vez de Augusto Matraga, de Guimarães Rosa*, de 2017, “Matraga é um neologismo de matraz, cujo significado etimológico associa-se a um vaso utilizado para operações alquímicas que envolvem transformações elementares e anímicas” (Queiroz, 2017, p.88). Essa metáfora pode nos fazer enxergar Augusto Matraga como o alquimista de sua transmutação.

Também conseguimos distinguir, prontamente, marcas religiosas em sua temática. Especificamente, marcas fundamentadas no Cristianismo. Trata-se da diegese da trajetória de um exímio pecador à sua santificação. Faz-se necessário, nesse ponto, conceber algumas referências acerca do conceito de pecado. Segundo os referenciais representativos do cristianismo católico, contidos em *O catecismo da Igreja Católica* (1993), o pecado “é uma falha contra a razão, a verdade, a consciência reta” e tudo o mais que infringe a lei de Deus e vai de encontro a Seu caráter. O historiador e professor de história da Igreja pela Universidade Andrews, George R. Knight (2009, p.32), classifica o pecado como escolha pessoal, moral e uma opção deliberadamente voltada contra Deus. *A Teologia Sistemática - atual e exaustiva* (1994), de Wayne Grudem, define o caráter interno da natureza humana como pecaminoso, endossando a ideia cristã católica do pecado original, em que a raça humana já nasce pecadora por herança e não por culpa.

A desobediência de Adão, responsável por sua queda dos jardins do Éden, foi o pecado de toda a humanidade, “Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram” (Romanos 5:12). Ainda em consonância com a doutrina cristã acerca do pecado, os escritos do Apóstolo Paulo, reputam o ser humano como raça decaída que possui todas as suas

capacidades em declive à prática do mal:

Como está escrito: Não há um justo, nem um sequer. /Não há ninguém que entenda; Não há ninguém que busque a Deus/Todos se extraviaram, e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só” (BÍBLIA, 1950, p. 10-12).

A desobediência de Adão no Jardim do Éden é considerado o pecado que afetou toda a humanidade, gerando a entrada do pecado no mundo e a morte como consequência desse pecado. Essa visão reforça a compreensão de que os seres humanos possuem uma natureza pecaminosa e suas capacidades estão inclinadas para a prática do mal

Tais referências bíblicas e teológicas também foram consideradas para embasar essa análise da obra de Guimarães Rosa, destacando a presença de temas religiosos, especialmente relacionados à queda e redenção do ser humano. Através dessas influências religiosas, Rosa aborda a jornada do pecador em busca da santificação e explora questões morais e da crença católica em sua obra.

2.1 AUGUSTO, O PECADOR

A concepção cristã ocidental do conceito de pecado é trazida na imagem inicial de nosso protagonista, Augusto Esteves. Seu caminho originário é um manifesto da destemperança atrelado à violência institucionalizada. Filho pródigo, leia-se esbanjador, do coronel Afonso Esteves e dono, por herança, de diversas terras no sertão de Minas Gerais, mais precisamente das terras das Pindaibas e do Saco-da-Embira, Augusto ou Nhô Augusto parece não ter limites: “duro, doíde sem detença” (Rosa, 2001, p. 368) quando se trata de deixar um rastro de confusão e perversidade por onde passa.

Amante da riqueza e dos prazeres mundanos e carnis, traz em si o sentimento de impunidade que o faz agir como se a ele tudo fosse consentido e legitimado, desde comprar, espancar e humilhar pessoas por pura vaidade: “o capiauzinho apanhando, estapeado pelos quatro cacundeiros de Nhô Augusto”(Rosa, 2001, p. 366), ao desrespeito dedicado à família e ao casamento: “Nem com a menina se importava. Dela, Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só. No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior” (Rosa, 2001, p. 368-369).

Tocante à sua vida política e econômica, a morte do pai o transformara em um homem ainda mais imprudente: “E com dívidas enormes, política do lado que perde, falta de crédito, as terras no desmando, as fazendas escritas por paga, e tudo de fazer ânsia por diante, sem portas, como parede branca” (Rosa, 2001, p. 369). O fazendeiro se encaminhava à ruína.

Conforme Ferri (2016), *A hora e vez de Augusto Matraga* é construída em bases triádicas. Tanto sua temática inclinada ao cristianismo, que faz recorrentes reportações à Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), quanto sua estruturação, que divide o conto e dispõe o protagonista em três fases: Pecador - Penitente - Santo.

As observações da crítica literária Walnice Nogueira Galvão, em seu artigo *Matraga: a sua marca* (1978), reafirmam tal base triádica listando incontáveis referências, dentro da narrativa, a começar por sua marca, fixada com ferro em brasa em sua carne, um triângulo inscrito numa circunferência.

Em meio aos tantos significados que a simbologia do triângulo possa carregar, nos atemos à simbologia religiosa, considerada pela ensaísta: “No caso de Matraga, o significado é claramente cristão, pois triângulo é sinal clássico da Santíssima Trindade e dele temos notícia, gráfica ou verbal, desde os primeiros séculos do cristianismo.” (Galvão, 1978, p. 51). A estudiosa também atenta para a realidade de que a vida da personagem principal acontece em episódios de composição trinitária:

Compõe um primeiro trio com as duas prostitutas na praça, outro com a mulher e a filha. Mais um com o casal de pretos que o socorre, com quem passa a viver e que setornam seus novos pais; ainda outro com seu Joãozinho Bem-Bem e o velho, entre os quais se interpõe. (Galvão, 1978, p.77).

Acerca da simbologia de trios, é pertinente ressaltar que a esposa de Nhô Augusto, Dona Dionóra, a certa altura do casamento, em meio a tantos anos de vivência retraída em uma esfera de medo e desamor, amava agora a outro homem: “Dionóra amara-o três anos, dois anos dera-os às dúvidas e o suportara os demais. Agora, porém, tinha aparecido outro.” (Rosa, 2001, p.369). O outro era Ovídio Moura, que habitava agora seus sonhos e coração. Com isso, temos mais um triângulo envolvendo a vida do fazendeiro destemperado, que, para nós, configura-se como um dos mais importantes dentro da narrativa, pois sua ruptura, que se deu no exato momento em que Dionóra o abandonou, levou nossa personagem de encontro ao início de sua decadência e transformação.

A estratégia bem sucedida de Rosa é fazer com que o narrador delineie explicitamente os ciclos que compõem a trajetória da personagem que, se outrora fora apresentada como temido valentão “Nhô Augusto, alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros [...]” (Rosa, 2001, p. 364), agora, traído e abandonado por sua esposa e jagunços, sentia na pele, que seria marcada com ferro em brasa, a queda de seu império.

2.2 A QUEDA

“Quando chega o dia da casa cair - que, com ou sem terremotos, é um dia de chegada infalível - o dono pode estar: de dentro ou de fora. É melhor de fora. [...] Mas, Nhô Augusto, não: estava deitado na cama - o pior lugar que há para se receber uma surpresa má.”

J.G.Rosa

Toda tirania de Augusto Esteves começa a fracassar quando sua mulher o abandona e seus capangas decidem agora trabalhar para o inimigo de seu falecido pai: “os bate-paus não vinham... Não queriam ficar mais com Nhô Augusto... o Major Consilva tinha ajustado, uma mais um, os quatro para seus capangas, pagando bem.” (Rosa, 2001, p.372).

A trajetória da personagem, a partir desse ponto da trama, se inclina para o início de sua penitência. Sem ter a plena consciência do descrédito de sua influência, Nhô Augusto decide “por debaixo da raiva” (Rosa, 2001, p.373), que antes de matar sua esposa e o novo companheiro, precisava mesmo era tirar satisfações com o Major Consilva, que arrematou seus capangas. Augusto, parecendo não perceber sua ruína, aparece vestido com seu espírito mais ufano, à chácara do Major que, em um movimento de olhos, determina o seu futuro: “Mas o Major piscou, apenas, e encolheu a cabeça, porque mais não era preciso, e os capangas pulavam de cada beirada, e eram só pernas e braços.” (Rosa, 2001, p. 374).

Nhô Augusto foi encurralado, fortemente golpeado - com maior ênfase por seus antigos jagunços, denotando traços claros de vingança -, arrastado e marcada a pele com ferro em brasa. O chiado medonho da pele queimando em dor fez com que ele reunisse suas últimas forças para lançar seu corpo dilacerado em um precipício. Morria, neste momento, o que era Augusto Esteves “filho do coronel Afonso Esteves, das Pindaíbas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto - o homem [...]” (Rosa, 2001, p. 363).

Neste ponto, é marcado a quebra, em sua totalidade, do sentimento de invencibilidade que o protagonista trazia em sua essência inicial. Augusto, agora, sofria as violências que outrora ordenava que fossem infligidas aos seus semelhantes. O domínio de antes sobre os jagunços, revira-se em arma de vingança contra ele. Esse avesso das posições é fator elementar e indispensável para a morte de Augusto como o Coronel Augusto Esteves e renascimento como Augusto Matraga.

3 ATOS DE UM CORAÇÃO CONTRITO EM MEIO ÀS ORIGENS VIOLENTAS

“E ele chama por Deus, na hora da dor forte, e Deus não atende, nem para um fôlego, assim num desamparo como eu nunca vi!”

J.G.Rosa

Para Augusto, agora é tempo de cura, reabilitação e reflexão. Seu corpo não morrerá ao se jogar do barranco, fora encontrado por um casal de pretos que o resgataram e cuidaram. Ao recobrar a consciência, ele percebeu que tudo em si estava quebrado, com feridas abertas e a queimadura da marca que agora lhe pertencia. Contudo, “ele disse a si que era melhor viver” (Rosa, 2001, p. 377). Agora, para o enfermo, existia um excedente de tempo livre em que ele poderia, conseqüentemente, rever e reconsiderar todos os atos que o levaram para sua atual condição. “em sua procura não aparecera ninguém. Podia sarar. Podia pensar.” (Rosa, 2001, p. 377). E assim o fez.

Retomando a observação dos referenciais religiosos dentro da obra roseana, percebemos que a segunda parte da narrativa consiste em uma verdadeira analogia ao que o cristianismo católico denomina “Ato de Contrição”. O texto de referência da doutrina católica, assegura que “entre os actos do penitente, a contrição ocupa o primeiro lugar. Ela é ‘uma dor da alma’ e uma detestação do pecado cometido, com o propósito de não mais pecar no futuro” (Catecismo da Igreja Católica, 1993, p. 448).

Augusto sentia uma saudade, sem raiva, de sua esposa e filha. Sem raiva e também sem ar, ele chorou, “e chorou muito, um choro solto, sem vergonha nenhuma, de menino ao abandono.” (Rosa, 2001, p. 378). Em seu choro, chamou pela mãe. E o casal de pretos, que agora eram como seus pais, acenderam velas e trouxeram o terço. E rezaram. Nhô Augusto não rezou, mas, diante da chama da luz da vela, lembrou-se de sua infância. Tais lembranças, possivelmente, ascenderam em suas lembranças a partir da presença acolhedora desse casal. Com isso, se dava a construção de uma nova e tão importante tríade no caminho de evolução de Augusto, a representação de uma nova imagem de família perante a tudo que havia se perdido.

A selvageria de nosso protagonista tinha raízes antigas. O início da narrativa nos dá indícios de sua infância conturbada durante uma conversa entre Dona Dionóra e seu tio:

Mãe de Nhô Augusto morreu, com ele ainda pequeno... Teu sogro era um leso, não era p’ra chefe de família... Pai era como que Nhô Augusto não tivesse... Um tio era criminoso, de mais de uma morte, que vivia escondido, lá no Saco-da-Embira...

Quem criou Nhô Augusto foi a avó... Queria o menino p'ra padre... Rezar, rezar, o tempo todo, santimônia e ladainha... (ROSA, 2001, p. 370).

O violento Nhô Augusto outrora fora o pequeno Augusto violentado. A negligência de seu pai em sua criação após a morte de sua mãe foi uma violência. A criação religiosa fanatista de sua avó também. A figura masculina a quem lhe restava se espelhar era de um tio, assassino e frio. Um filho único, que viveu “uma meninice à louca e à larga”. O que seria esse desmazelo a uma criança senão uma violência? Talvez a pior delas.

Para o professor Nilo Odália, em seu livro *O que é violência*, de 1991, a ocorrência da violência é tão remota quanto a própria humanidade, “o viver em sociedade foi sempre um viver violento” (Odália, 1991, p.9), sendo uma premissa para sua permanência: “uma das condições básicas da sobrevivência do homem, num mundo natural hostil, foi exatamente sua capacidade de produzir violência numa escala desconhecida pelos outros animais” (Odália, 1991, p. 10). Todavia, ao analisar o homem que vive em sociedades complexas e desiguais, o estudioso percebe a violência não mais como arma de defesa para sobrevivência, mas como “decorrência da maneira pela qual o homem passa a organizar sua vida em comum com outros homens” (Odália, 1991, p.10).

Guiados por referências da escola positivista, em artigo intitulado *As variadas facetas da violência*, Oliveira e Martins (2014, p.11) apontaram que o ambiente em que vivem determinadas comunidades ou até mesmo a condição biológica são fatores originantes da violência. Eles completam seu texto verificando que em ambientes onde a violência é uma constante, contínua também é sua difusão, “os indivíduos transgressores, em grande parte, sofreram agressões quando crianças e assim encontraram na violência uma forma de defesa” (Oliveira e Martins, 2014, p. 12). A vista disso, inferimos que a violência sofrida pelo Augusto criança pode ter sido responsável pela perversidade do Augusto adulto, não se tratando, apenas, de uma violência de ordem física, mas também psicológica. A instituição familiar desestruturada, da qual Augusto foi vítima, contribuiu para que ele se configurasse, perante sua comunidade, como um agressor.

Como dito anteriormente, o personagem era perpetrador de uma violência institucionalizada em si. Acerca de tal tipologia de violência, o professor Nilo Odália nos fala que “toda violência é institucionalizada quando admito explícita ou implicitamente, que uma relação de força é uma relação natural – como se na natureza as relações fossem de imposição e não de equilíbrio” (Odália, 1991, p. 24). De forma “natural”, Nhô Augusto impunha sobre tudo e todos os seus mandamentos, ocasionando entre ele e os demais uma outra tipificação

de violência que é a desigualdade: “O ato rotineiro e contumaz da desigualdade, das diferenças entre os homens, permitindo que alguns usufruam à saciedade o que à grande maioria é negado, é uma violência” (Odália, 1991, p.21).

Os atos e os modos egoístas praticados por Nhô Augusto para se firmar e afirmar uma figura dominante perante a sociedade, resultaram em uma série ininterrupta de outras injúrias que, apoiadas à sombra de seu poder aquisitivo, atacavam a probidade dos demais. Com isso, gera-se um ciclo interminável de violência gerando mais violência. As cenas de horror das quais Augusto fora vítima, a mando do Major Consilva, são provas desse circuito doentio. Ele agora, porém, estava disposto a romper este ciclo.

Para que essa sequência fosse quebrada, as práticas religiosas foram elementares. A conexão, há muito perdida, entre ele e o divino, teve a oportunidade de ser restabelecida no instante em que, a pedido do casal que o estavam cuidando, recebeu a visita de um padre que lhe determinou uma solução:

Você não deve pensar mais na mulher e em vinganças. Entregue para Deus e faça penitência. Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar o demônio, e o Reino de Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito! [...] Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua. (Rosa, 2001, p.379-380)

Mais importante que essa contrição corretora de conduta, seria a total renúncia a qual Augusto teria de se entregar. A fala do padre não carrega tão somente determinações de práticas religiosas para se atingir o objetivo, mas também a renúncia de um mau gênio para a construção limpa de um coração humilde, semelhante ao de Jesus Cristo.

Ao conceber o arrependimento e a renúncia, começa a caminhada de nosso protagonista rumo à salvação da alma.

3.1 ESTEVES AGORA É MATRAGA

*“Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!...
E a minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou, nem que
seja a porrete!”*

Matraga

Conforme estudos de Sperber (1982) e Cascudo (2011), em meio aos princípios espirituais correntemente adotados pelo povo brasileiro, a aspiração para o salvamento da

alma é latente e tem raízes fixadas desde meados do século XVI com a chegada dos colonizadores e suas missões catequéticas.

As bases do cristianismo asseveram que a ponte que “religa” o pecador a Deus é o arrependimento. O ato de contrição é o princípio da conversão das atitudes humanas em todas as hipóteses. Para que a personagem viva a promessa de restauração de sua vida com Deus, foi preciso a total renúncia de si: “E tomara um tão grande horror às suas maldades e aos seus malfeitos passados, que nem podia se lembrar; e só mesmo rezando” (Rosa, 2001, p. 380), o narrador interna à mente do personagem para trazer ao leitor uma estima ao ser, que agora é penitente. Para a completude de sua ascese pessoal, Augusto muda-se para um único pedaço de terra que ainda possuía em seu nome, no povoado de Tombador, levando consigo o casal que o amparou. Neste ponto, é possível contemplar a aurora de sua conversão, um Augusto que nem de longe parecia-se com o original: “não tinha nenhuma ganância e nem se importava com acrescentes: o que vivia era querendo ajudar os outros” (Rosa, 2001, p. 382).

Podemos identificar e classificar tal mudança como a segunda etapa de sua trajetória rumo à salvação da alma. Se antes encontrava-se no inferno, “O inferno é entendido como o deter-se na negatividade, naquilo que deve ser superado, é a impossibilidade de transcendência, o ser-se sempre a mesma coisa” (Ferri, 2016, p. 14), agora estaria no purgatório, abdicando de suas predileções para rezar, trabalhar e ajudar ao próximo.

Contrição, confissão dos pecados e penitência. Já não mais existia Nhô Augusto, ou ao menos, teria sido momentaneamente banido. O homem “meio doido e meio santo” (Rosa, 2001, p. 382) agora era Augusto Matraga e “Matraga não é Matraga, não é nada” (Rosa, 2001, p. 363). Matraga, nomenclatura apenas referenciada no título e no início da obra, para simbolizar o aspecto alquímico que a busca religiosa de um homem pode desencadear em sua própria personalidade, que se fragmenta em múltiplas facetas na busca pela purificação em direção à salvação.

3.2 A TODO SANTO: AS TENTAÇÕES

Agora que eu principiei e já andei um caminho tão grande, ninguém não me faz virar e nem andar de-fasto!

Matraga

Assim como Jesus Cristo no deserto – endossando o manifesto bíblico presente na obra – Matraga, em seu processo de renovação, sofreu alguns impactos que, por instantes, o fizeram

reconsiderar sua nova e atribulada forma de vida.

Após sobreviver a uma emboscada planejada por um fazendeiro que desejava tomar suas terras e ser cuidado por um casal de curandeiros já abordado no trabalho, o personagem passa por um êxodo existencial. Assim como os hebreus vagaram por desertos em terras estrangeiras depois de duvidarem de Deus e criarem um ídolo para adorar, antes de encontrarem a chamada terra prometida, o personagem se afasta de seu local de origem para se livrar de hábitos prejudiciais e, aos poucos, de uma existência corrompida, descrita pela esposa da seguinte maneira:

E ela conhecia e temia os repentinos de Nhô Augusto. Duro, doido e sem detença, como um grande bicho do mato. E, em casa, sempre fechado em si. Nem com a menina se importava. Dela, Dinorá gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só. No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior. Na fazenda - no Saco-da-Embira, nas Pindaíbas, ou no retiro do Morro Azul - ele tinha outros prazeres, outras mulheres, o jogo do truque e as caçadas. E sem efeito eram as orações e promessas, com que ela o pretendia trazer, pelo menos, até meio caminho direito. (ROSA, 2001, p. 368).

Há, no trecho, a representação do homem de hábitos rurais de meados do século XX. Destacam-se, para a consolidação de uma identidade local, valores próprios à sobrevivência de um sistema patriarcal, centrado na masculinidade viril, por meio da violência (caçadas e convivência) e da imposição do poder masculino, seja na multiplicação de amantes, seja na imposição de um silêncio soberano como chefe de família. Todo esse comportamento é expressado pela esposa como aversão a orações e promessas, o que, de certa forma, está associado a uma personalidade influenciada pelo mal. Portanto, é visto como insensato, inflexível e sem limites.

Assim, antes de enfrentar a morte, o protagonista se apresenta como alguém cujas ações refletem destemor e, conseqüentemente, uma certeza de impunidade. A experiência quase fatal representa uma situação de fronteira, um "entre-lugar". Em outras palavras, quando vivencia delírios na casa abandonada que o acolhem e cuidam de suas feridas, ele passa por momentos de autorreflexão, como descrito no trecho: "Uma tristeza calma. Sentindo muita falta da filha e da esposa, e com uma grande pena de si mesmo. Tudo perdido! O restante ainda podia ser recuperado, mas ter sua família de volta, nunca mais" (Rosa, 2001, p. 378). É nesse momento que ele descobre a perda de controle sobre sua própria existência e a falta de sua identidade. A invencibilidade vencida!

E é por estar diante dessa nova realidade que começa o processo de reflexão sobre o futuro que marcará a metamorfose do personagem em busca da redenção após a morte. Essa

preocupação tem sua raiz quando ele busca se confessar com um padre, expressando arrependimento e recebendo orientações sobre como concretizar sua transformação existencial:

Mas será que Deus terá pena de mim, com tanta ruindade que fiz? E tendo nas costas tanto pecado mortal? - Tem. Meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé do arrependido nenhum. (...) Peça a Deus assim como esta jaculatória: 'Jesus manso e humilde de coração, fazei meu coração ser semelhante ao seu' (...) - Fé eu tenho, Fé eu peço. - Reze e trabalhe, fazendo de conta que sua vida é um dia de campina ao sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez; você há de ter a sua" (Rosa, 2001, p. 380).

Já há uma transformação na atitude da personagem, que dá início à primeira e mais significativa ação na história de um pecador em busca da redenção: o remorso e a constante busca pela fé. Esse começo de um processo de mudança psicológica é fortalecido pelas palavras do padre. No discurso do padre, prevalece a premissa beneditina de que rezar e trabalhar são as duas asas que tanto o monge quanto qualquer ser humano usam para elevar-se em direção à união com Deus. O esforço físico e espiritual é o primeiro elemento de alquimia existencial da personagem, que se nutre de uma renovação comportamental em busca da salvação, associada na imaginação popular à entrada no céu, uma intenção expressa várias vezes pelo personagem ao longo do texto: "- Eu vou para o céu, eu irei, de uma forma ou de outra!... E a minha vez chegará... Para o céu, irei, mesmo que seja à força". (ROSA, 2001, p. 381). Portanto, a combinação de trabalho e oração para a sublimação do personagem representa sua primeira transformação existencial:

Mas todos gostaram logo dele, porque era meio doido e meio santo; e compreender deixaram para depois. Trabalhava que nem um afatigado por dinheiro, mas, no feito, não tinha não tinha nenhuma ganância e nem se importava com acrescentes: o que vivia era querendo ajudar os outros. Capinava para si e para o seus vizinhos do seu fogo, no querer de repartir, dando de amor tudo que possuísse. E só pedia, pois, serviço para fazer, e pouca e nenhuma conversa" [...] Quase sempre estava conversando sozinho, e isso também era de maluco, diziam; porque eles ignoravam que o que fazia era repetir, sempre que achava preciso a fala do padre: '- Cada um tem a sua hora e a sua vez. Você há de ter sua - E era só'. (Rosa, 2001, p. 382-383).

O trabalhar perde o sentido comum de "ganhar a vida com o suor do rosto" e se transforma em uma função de aprimoramento espiritual. O que antes era uma vida egoísta passa a estar alinhado com a ação/trabalho em prol do bem-estar do próximo. É, portanto, a prática do segundo mandamento cristão, "amar ao próximo como a si mesmo", como um novo elemento de transformação existencial do protagonista.

O personagem trabalha para os vizinhos com o objetivo de ajudar, sempre em silêncio.

A ausência de diálogo expressa a renúncia a uma convivência social e, conseqüentemente, ao desejo de uma vida mundana. No entanto, é apenas um silêncio aparente, quebrado à medida que se percebe um diálogo interno, semelhante aos dos loucos, na repetição contínua da frase: "- Cada um tem sua hora e sua vez. Você terá a sua" (Rosa, 2001, p. 383). A repetição constante desse pensamento se torna um mantra, utilizado para controlar a mente do personagem, focada em um único objetivo: a sublimação existencial para alcançar uma elevação metafórica aos céus.

A alquimia está na persistência em subjugar sua carne e desejos a essa fala do padre, que se repete ao longo da narrativa, até que o peso da culpa gradualmente diminui, como expresso na seguinte fala: "- Deus está aliviando o fardo das minhas costas, mãe Quitéria, agora eu sei que Ele está se lembrando de mim" (Rosa, 2001, p. 388).

E aos poucos, a convivência com Deus começa a se manifestar na convivência benevolente com a natureza: "ele saiu para o perfumado jardim, repleto de pássaros e vegetação exuberante, e fez uma descoberta: isso não era pecado... Ele deveria permanecer sempre alegre, sempre alegre, e era esse gosto inocente que ajudava a trazer alegria" (ROSA, 2001, p. 388).

Portanto, há uma desconstrução da relação inicial do personagem com Deus, que deixa de ter uma conotação punitiva e passa a ter uma conotação de alegria dos sentidos em contato com a natureza, aproximando-se do princípio epicurista de que a busca pela felicidade se dá por meio do prazer moderado, chamado de ataraxia, um sublime estado de ausência de dor, quietude, serenidade e tranquilidade da alma, alcançado por meio de atitudes de generosidade, cortesia e, acima de tudo, justiça (Morente, 1980).

A queda no precipício do Barranco é uma alegoria da ida ao inferno. Isso porque a única maneira de Matraga vencer o inferno agora seria enfrentando a morte—como ele, de fato, faz e vence-o, pois não só sobrevive, como renasce para outra vida. (Ferri, 2016, p.15)

É por estar em sintonia com a Natureza, com Deus e, acima de tudo, com sua própria essência, que o protagonista dá início à sua segunda jornada, adentrando o caminho da santificação que tanto almejou em suas ações e, assim, experimentando mais uma metamorfose em sua jornada existencial. Esse aspecto é reforçado pela analogia estabelecida entre o personagem e Jesus Cristo ao partir, quando a mãe lhe oferece um burrinho: "Quitéria lembrou-lhe que o burrinho era um animalzinho com certo simbolismo, associado às histórias de Jesus Cristo" (Rosa, 2001, p. 401). Sendo conduzido por um burrinho sem rumo, Nhô Augusto, também conhecido como Augusto Matraga, alcançará sua redenção, transformando sua relação

com a violência.

Durante sua jornada existencial, o grupo de jagunços desempenha um papel crucial na construção da identidade de Nhô Augusto, cuja relação com eles se modifica à medida que o próprio protagonista passa por transformações. No início da narrativa, o personagem ocupa a posição de um coronel, cuja imagem se assemelha à de um líder político de uma fazenda e de seu entorno, com sua autoridade reforçada pela presença de vários jagunços que o servem. Nesse sentido, um jagunço é equiparado a um capanga dos grandes proprietários, exercendo funções policiais e servindo como uma força para o exercício do poder (Vasconcelos, 2002). No entanto, são justamente esses instrumentos do coronelismo utilizados pelo personagem que o levam a uma situação de quase morte, revelando sua vulnerabilidade e fragilidade humana. Nessa primeira situação, a violência é retratada como ato que corrompe a personalidade do protagonista, levando-o a um episódio de “quase-morte”.

Após passar por um processo de transformação existencial, o reencontro com a violência adquire um novo significado. Augusto correlaciona (e, de certa forma até justifica) os atos violentos dos jagunços ao desconhecimento das práticas religiosas que elevam uma alma à redenção.

Os jagunços se assemelham aos encontrados em *Grande Sertão: Veredas*. São homens livres que escolheram o estilo de vida provisório e nômade dos jagunços, motivados por diversas razões (Vasconcelos, 2002). O interesse financeiro perde importância em prol de um traço comum aos bandidos vingadores: o uso da violência como meio de poder associado à vingança (Hobsbawm, 2010). A reação de Nhô Augusto a esse modo de vida, em seu primeiro encontro com o bando de Joãozinho Bem-Bem, é ambígua. Ele se identifica e ao mesmo tempo repudia.

A identificação surge devido à tentação de sucumbir ao prazer de exercer a violência sem culpa, como expresso nas palavras do personagem: "Aqueles sim é que estavam no caminho certo, pois não precisavam se preocupar com a salvação da alma e podiam andar de cabeça erguida pelo mundo (...) isso é que era uma bebida forte" (Rosa, 2001, p. 397).

Inicialmente, para o personagem, a ignorância em relação aos princípios religiosos católicos justifica a liberdade para a prática da violência, enquanto o conhecimento aprisiona o indivíduo em um estado de vigilância, como observado na reação do protagonista a esse mesmo desejo de vivenciar essa violência: "Mas não, não era isso que se perdia, Deus punia com mão dura" (Rosa, 2001, p. 397).

Cruzam-se no imaginário de Nhô Augusto ideias de repressão comuns ao controle de

um católico penitente: tentação, pecado, punição. Trata-se, portanto, de um repúdio controlado. No entanto, em seu segundo encontro com o bando, a atração ainda persiste, mas o repúdio surge de forma espontânea. Como discutido anteriormente, a alteração na relação com Deus também afeta a própria existência do personagem. No primeiro momento, o protagonista vive uma relação com o divino baseada na obediência a regras punitivas de comportamento, que impõem um modelo de conduta coagida para evitar pecados e alcançar a salvação. No segundo momento, Deus se torna uma companhia, uma vivência, incorporado a uma existência que ainda carrega vestígios do passado. Por isso, a atração ainda está presente diante da arma oferecida pelo jagunço e do convite para se juntar ao bando, como se observa quando o protagonista se vê diante de uma arma oferecida pelo jagunço: "bateu a mão na Winchester, como um gato bateria as patas em um passarinho (...) E seus dedos tremiam porque era a maior tentação" (Rosa, 2001, p. 407).

No entanto, esse desejo instintivo é sufocado diante do repúdio em relação à violência excessiva e cruel praticada pelos membros do bando. O comportamento do bando de Joãozinho Bem-Bem reflete o princípio dos bandidos vingadores, que usam o terror como um meio de poder, fazendo com que o medo se torne a base do respeito (HOBBSAWM, 2010). Um dos integrantes do bando é assassinado por um morador da vila onde Nhô Augusto encontra os jagunços pela segunda vez. A reação do líder é o desejo de vingança, com o objetivo de impor respeito, como expresso em suas palavras após ouvir a súplica do pai idoso pela vida de seus filhos restantes:

- Lhe atender não posso, e com o senhor não quero nada, velho. É a regra... Se não, até quem mais que havia de obedecer a um homem que não vinga gente sua, morte de traição? Posso até livrar de, às vezes, mas não posso perdoar isso não. Um dos dois rapazinhos têm que morrer, de tiro ou a faca, e o senhor pode escolher qual deles há de pagar pelo crime de seu irmão. E as moças... Para mim não quero nenhuma, que mulher não me enfraquece: as mocinhas são para os meus homens... (Rosa, 2001, p. 408).

Expor um pai ao dilema de escolher entre a morte e a vida de seus filhos e obrigá-lo a testemunhar o estupro de suas filhas é uma tática de terror que paralisa quem presencia o ato e, principalmente, aqueles que posteriormente tomam conhecimento dele, fortalecendo a imagem dos jagunços como invulneráveis. Esse é um código característico dos bandidos vingadores. Quanto mais cruel o ato, maior é seu poder sobre a sociedade na qual desejam exercer autoridade (Hobsbawm, 2010). Porém, a reação de Matraga vai contra esse princípio. Ao perceber o desejo de Joãozinho Bem-Bem de humilhar o velho que suplica, Augusto sente compaixão em relação à família e horror diante do sacrilégio do bandido em relação aos santos,

como é evidenciado em suas palavras: "O senhor é poderoso, é dono do choro dos outros... Mas a Virgem Santíssima lhe dará o pagamento por não pisar numa formiguinha no chão. Tenha piedade de todos nós, seu Joãozinho Bem-Bem" (Rosa, 2001, p. 408).

Ao ouvir um idoso frágil implorar pela segurança de seus descendentes, invocando o nome da Virgem Maria e de Jesus, Augusto sente repúdio em relação à cosmovisão e à ética dos jagunços, incorporando um sentimento religioso maior do que sua atração inicial pela violência. Essa nova postura rompe com sua existência original. O prazer pela violência é superado pelo amor ao próximo e pela capacidade de compartilhar seu sofrimento, respeitando também os santos, como se observa em suas palavras: "Não faça isso, meu amigo Joãozinho Bem-Bem, pois o velho está pedindo em nome de Nosso Senhor e da Virgem Maria! E o que vocês estão prestes a fazer com eles são coisas que nem Deus ordena, nem o diabo faz" (Rosa, 2001, p. 409).

Diante da recusa de Joãozinho Bem-Bem e da revolta do bando em relação ao desejo de defesa de Nhô Augusto, ocorre a transformação que foi persistentemente construída ao longo da novela. Nhô Augusto consegue transmutar seu instinto de violência em uma necessidade coletiva. É necessário matar para defender os inocentes, os humilhados, os injustiçados. Essa mudança se intensifica quando ele precisa matar um amigo pelo bem da comunidade, como é mencionado no trecho: "Joãozinho Bem-Bem sentia-se ligado a Nhô Augusto por uma forte simpatia, e nesse ponto ele estava bem assistido" (Rosa, 2001, p. 383). Apesar da afinidade e simpatia entre os dois, eles estão em lados opostos devido ao sentimento de amor ao próximo que foi construído ao longo da narrativa em Nhô Augusto. O personagem, então, se torna um instrumento da justiça divina.

No discurso bíblico predominante no Novo Testamento, a ira de Deus é a Sua reação ao mal e possui um caráter judiciário (Romanos, 13, 4-5). Neste conto, a ira se manifesta devido a um dos motivos recorrentes: a desumanidade do homem em relação aos seus semelhantes. A forma como Nhô Augusto age contra os jagunços se assemelha a um estado de possessão. Há uma explosão de força, sentimento de justiça e ação que parecem ser direcionadas aos outros, sendo o personagem apenas um gatilho. Ele profere palavras ofensivas contra os assassinos descontroladamente, ao mesmo tempo em que é alvejado por várias balas sem demonstrar reação à dor, como é evidente no trecho: "A casa se encheu de tiros, envolta na fumaça, com os homens saltando e uivando como jaguares, e Nhô Augusto gritando como um demônio e pulando como dez demônios" (Rosa, 2001, p. 410).

O resultado é a criação de uma cena inexplicável. Homens fogem da casa,

aparentemente transtornados e feridos. O que resta é o duelo entre dois amigos que não desejam ferir um ao outro. A violência, nessa circunstância, se transforma mais uma vez. Não se trata mais da cólera de Deus, mas sim da redenção do protagonista, que, próximo à morte, se preocupa com seu oponente, como é demonstrado no trecho: "Esperem aí, meus amigos, ajudem meu parente ali, que vai morrer primeiro..."(Rosa, 2001, p. 411) e depois se dirige ao adversário, pedindo que ele se arrependa de seus pecados: "Agora, arrependa-se de seus pecados e morra como um bom cristão, para que possamos morrer juntos..." (Rosa, 2001, p. 411). Assim, tem início a "hora e vez" do personagem, que se identifica com a ideia de uma boa morte, conforme estabelecido pelo catolicismo popular.

3.3 O SAGRADO E O PROFANO

O sagrado e o profano são temas explorados no trecho apresentado. A figura de Matraga, o protagonista, passa por um processo de transformação existencial em busca da redenção e da salvação, abandonando uma vida de pecados e corrupção.

Esse processo é permeado por elementos sagrados e profanos, que refletem a dualidade presente na condição humana.

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. "Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés; tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa." (Êxodo, 3: 5) Há, portanto, um espaço sagrado, e por conseqüência "forte", significativo, e há outros espaços não sagrados, e por conseqüência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. (Eliade, 1992 , p. 17)

Ao associarmos Matraga e Jesus Cristo no deserto, podemos destacar a dimensão religiosa e espiritual da jornada do protagonista. Assim como Jesus, Matraga enfrenta momentos de dúvida e sofre choques que o levam a reconsiderar sua forma de vida. Essa busca religiosa é simbolizada pela referência ao aspecto transformador, em que a personalidade de Matraga se fragmenta em múltiplas facetas na busca pela purificação e salvação.

Dona Dionóra, esposa de Matraga, descreve-o como alguém duro, insensato e sem limites, destacando os hábitos prejudiciais e sofridos do protagonista. Essa representação retrata valores próprios de uma identidade local, ligada a um sistema patriarcal centrado na violência e na imposição do poder masculino. O comportamento de Matraga é associado a uma personalidade influenciada pelo mal, avessa a orações e promessas.

No entanto, após sobreviver a uma emboscada e passar por um êxodo existencial,

Matraga vivencia momentos de autorreflexão. Ele se afasta de sua vida anterior e busca a renovação, experimentando uma fronteira, um “entre-lugar” entre o sagrado e o profano. Matraga confronta a perda de controle sobre sua existência e descobre a falta de sua identidade, despertando um desejo de transformação.

É nesse ponto que o protagonista inicia sua busca pela redenção. Ele se confessa com um padre, expressando arrependimento e recebendo orientações sobre como concretizar sua transformação existencial. O padre enfatiza a importância da fé, da oração e do trabalho como elementos para elevar-se em direção a Deus. O esforço físico e espiritual se torna o primeiro passo na mudança existencial de Matraga, que busca purificar sua alma e encontrar a salvação.

Ao longo desse processo, Matraga passa por uma mudança psicológica e comportamental. Ele trabalha para ajudar os outros, abandonando a ganância e buscando compartilhar o que possui. Essa atitude reflete a prática do amor ao próximo como um elemento de transformação existencial. O protagonista renuncia à vida mundana, priorizando o bem-estar dos outros e encontrando sentido em suas ações silenciosas.

O diálogo interno de Matraga, marcado pela repetição constante da frase "Cada um tem sua hora e sua vez. Você terá a sua", torna-se um mantra para controlar sua mente e manter o foco em sua busca pela espiritualidade. Essa repetição a persistência e a herança do protagonista em subjugar seus desejos e alcançar a sublimação existencial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

João Guimarães Rosa nos apresenta em *Sagarana*, de 1946, as multifacetadas de sua escrita que, observada superficialmente, pode trazer uma feição regionalista apenas.

Todavia, as nove novelas que compõem a obra, chegam carregadas de sentimentos, significados, simbologias e até mesmo os traços épicos que são conferidos aos personagens, concedem-lhes um caráter universal por extrapolar a localidade e as particularidades do sertão brasileiro.

Esta pesquisa optou por analisar a última das nove narrativas e possuiu como principais objetivos a visualização da cultura do povo sertanejo através da universalidade da luta do bem contra o mal e a compreensão da união de elementos sagrados e profanos na construção do caminho que leva a personagem principal à salvação moral e religiosa.

Dentre os elementos regionais, universais e profanos que compõem *A hora e vez de Augusto Matraga*, a violência e o poder que impulsiona alguns de seus personagens se mostram indissociáveis. Com isso, Guimarães Rosa traz à tona a discussão que nos leva a refletir: em

quais alicerces as relações humanas estão se construindo ao longo dos tempos?

O sertão de Augusto Esteves das Pindaíbas é exposto como uma soleira entre o espaço místico de seu povo e a própria história de criação do que pode-se chamar civilização brasileira, dentro dos padrões católicos. As três “existências” da personagem dentro da trama, metaforizam os preceitos que determinavam a condição existencial de um todo arraigado em suas próprias credulidades e leis cristãs.

Com base em nosso aporte teórico, analisamos toda a trajetória de Matraga em busca da redenção e da salvação, e concluímos que tal percurso cercou e fundiu elementos sagrados e profanos, a saber, práticas religiosas do cristianismo ocidental e execução de inúmeros tipos de violência, respectivamente.

O protagonista passa por um processo de transformação existencial, abandonando uma vida de pecados e corrupção em busca de uma nova identidade e sentido de vida. Através da fé, oração, trabalho e renúncia às suas antigas inclinações, Matraga busca alcançar uma elevação espiritual e a reconciliação com sua divindade. O sagrado e o profano se entrelaçam nessa jornada, em partes igualmente importantes, refletindo a dualidade inerente à condição humana e o esforço para superar as limitações e buscar a redenção.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**.. Rio de Janeiro: 1980. Edição Ecumênica.
- CANDIDO, Antonio. **No grande sertão**. In: CANDIDO, Antonio. Textos de Intervenção. São Paulo: Editora 34, 2002.
- ELIADE, Mircea, 1907 1986. **O sagrado e o profano** / Mircea Eliade ; [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERRI, Débora. **A manifesta Ficcionalidade e a Estrutura Triádica em “A Hora da VEZ de Augusto Matraga”**. Signótica, Goiânia, v. 28, N. 1, p. 1-22, jan/jun. 2016.
- GALVÃO, W. N. **Matraga: sua marca**. In: _____. Mitológica rosiana. São Paulo: Ática, 1978.
- GRUDEM, Wayne . **Teologia sistemática: atual e exhaustiva**. 2009. ed. Miami, Florida: Zondervan, 2007.
- HOBSBAWM, Eric. **Bandidos**. São Paulo: Ed Paz e Terra, 2010.
- JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000.
- KNIGHT, George. **Pecado e salvação: o que é ser perfeito aos olhos de deus**. 1. ed. Estados Unidos: Review and Herald, 2016. 6-228 p.
- MORENTE, Manuel Garcia. **Fundamentos de Filosofia**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1980 Obres Selectes de Ramon Llull (1232-1316) (ed. introd. i notes de Antoni Bonner), Mallorca, Editorial Moll, 1989, volume 2.
- OLIVEIRA, Jacson Caprini de; MARTINS, Felipe Antunez. **As variadas facetas da violência**. 2010. 15 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- QUEIROZ, Carlos Eduardo Japiassú de. A hora e a vez, no conto A hora e a vez de Augusto Matraga, de Guimarães Rosa. **Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas**, Serra Talha, v. 4, ed. 1, p. 87-100, Jan./Dez. 2017.
- RÓNAI, Paulo. **O universo de Guimarães rosa por Paulo Rónai**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. 304 p.
- ROSA, J.G. **Sagarana**. 71ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SPERBER, Suzi. **Guimarães Rosa: signo e sentimento**. 90. ed. São paulo: ÁTICA, 1982.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. **Homens provisórios: coronelismo e jagunçagem em Grande Sertão Veredas**. Scripta, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 321-333, 2022.